

**O Maior e Melhor Estado Brasileiro do Mundo:  
Discursos Identitários Sobre a Cultura de Pernambuco**

**Bruno Melo Moura**

**André Luiz Maranhão de Souza-Leão**

**Kelly Maria Paz e Silva**

**Resumo**

Pernambuco é um dos estados brasileiros com manifestações culturais fortíssimas. Estas são capazes de influenciar no *modus operandis* das organizações na localidade. Apesar de coloquialmente estabelecida, não há definição acadêmica da origem de como essas manifestações culturais se tornaram percepções identitárias. O nosso trabalho busca analisar a constituição identitária dos pernambucanos enquanto instituição por meio dos discursos que expressam aspectos culturais do estado. A partir de uma Análise de Discurso Foucaultiana (ADF), apresentamos como os discursos apontam para regularidades epistêmicas. O *corpus* de pesquisa foi constituído por matérias veiculadas digitalmente ao longo da última década, a partir de palavras chaves que, comumente, são atreladas a cultura pernambucana. Observamos dois discursos estabelecidos entre os pernambucanos: a Megalomania que considera a localidade maior do que realmente o é – cultural, política e economicamente – e a Emancipação, a separação cultural dos pernambucanos que advêm, em muito, de percepções históricas. Entre suas contribuições, a pesquisa introduz para área a sistematização da ADF e como o pernambucano expressa com naturalidade identidades políticas alinhadas a sua organização social. Ainda, o estudo explicita como a noção identitária influencia no estabelecimento e manutenção de organizações na localidade.

**Palavras-chave:** Organização Social, Pernambuco, Análise do Discurso Foucaultiana, Identidade Política, Identidade Cultural.

**INTRODUÇÃO**

Nos estudos organizacionais, há o entendimento que os indivíduos, em suas práticas discursivas, assumem noções de si que podem estabelecer uma identidade administrada pela linguagem (NEWTON, 1998; RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019). A partir dos conceitos de Michel Foucault, a área considera que os indivíduos são capazes de propagar discursos que, por sua vez, permeiam poderes institucionais (CALDWELL, 2007; RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019).

Especificamente os conceitos de poder foucaultianos possibilitam o entendimento de que as instituições são capazes de administrar a vida das pessoas (MENNICKEN; MILLER, 2012). Mais que isso, permitem que a análise organizacional organize espaços territorializados que governam indivíduos a partir de diversos saberes. Principalmente, porque os elementos fundamentais da filosofia foucaultiana – poder, saber e subjetividade – podem se relacionar com aspectos de gestão e organizações – controle, produtividade e motivação, vistos como seus equivalentes gerenciais (KNIGHTS, 2008). Em relação a estes, a resistência é utilizada para observar, principalmente, em relação ao conflito entre interesses materiais e o dos trabalhadores. Porém, na discussão proposta por Knights (2008) a luz de Foucault, a resistência é entendida como uma defesa ou expressão de identidade.

Nesse sentido, a territorialização, ou a falta dela na era pós-moderna tem modificado como as noções identitárias são forjadas (CANCLINI, 1995; 2003). É o caso do Brasil, uma nação que, por ter um vasto território, apresenta uma rica variedade cultural e uma gama de noções identitárias. Dentre os vinte seis estados da nação e seu Distrito Federal os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco são considerados produtores de culturas locais que não representam o país internacionalmente, como o Rio de Janeiro (ARRUDA; GONÇALVES; MULULO, 2008; DAMATTA, 1997) e buscam adaptar suas particularidades ao fenômeno da globalização (MEDEIROS, 2006). Se, por um lado, São Paulo e o Rio Grande do Sul fazem parte do eixo central da economia e política nacional há quase um século (MEDEIROS, 2006); por outro, a Bahia foi sede do governo central durante o período colonial do Brasil (PINHO, 1998), existindo assim, a percepção que suas culturas locais, de alguma forma, tiveram, em algum período da história do país, influência sobre a nacional. Pernambuco, por sua vez, jamais teve sua cultura local considerada como alinhada à nacional, mesmo tendo sido uma das regiões que se estabeleceu econômica e politicamente de forma paralela à nação (ARRAIS, 1998; PRYSTHON, 2004).

Tendo sua origem datada em 1534, como capitania hereditária doada a Duarte Coelho, o território de Pernambuco se estendia anacronicamente pelos atuais estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas ao longo da costa do Oceano Atlântico e por todo o Vale do Rio São Francisco que, nos dias atuais, fazem parte dos estados da Bahia e Minas Gerais (FURTADO, 2001). Seu extenso tamanho territorial se justificava por ser o principal polo econômico da então colônia portuguesa e estar sob administração de uma das únicas capitanias que tiveram êxito no século XVI. Durante a

administração de Duarte Coelho, os assentamentos de Olinda (1535), a então capital do território, e o vilarejo do Recife (1537) foram estabelecidos para legitimar a colonização portuguesa e auxiliar no comércio portuário da capitania, respectivamente (HOLANDA, 1995; PRADO JÚNIOR, 1984).

Durante mais de dois séculos, apesar de nunca ter sido capital política da colônia, a região pernambucana continuou a ser o principal centro econômico do Império Luso nas Américas graças ao desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar (CALAZANS, 2007; FURTADO, 1959). Não à toa, durante esta época, as terras despertaram interesse de franceses e holandeses que tentavam estabelecer suas próprias colônias no Novo Mundo (KAUFMAN, 2001). Foi só na segunda metade do século XVIII, com a ascensão do ciclo de ouro na região de Minas Gerais, que Pernambuco deixou de ser o protagonista econômico dos territórios portugueses na América (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001; FURTADO, 2001). Todavia, esta percepção não foi compartilhada por sua população que, ao longo do período colonial e imperial da história brasileira, foi o único território a se insurgir oito vezes contra o poder e a cultura hegemônica europeia (HOLANDA, 1995; PRADO JÚNIOR, 1984).

Dentre os oito movimentos libertários fomentados no litoral pernambucano, cinco destoaram pelas consequências que tiveram para a localidade: a Insurreição Pernambucana (1654), a Guerra dos Mascates (1711), a Revolução Pernambucana (1817), a Confederação do Equador (1824) e a Revolução Praieira (1848) e são, até hoje considerados nacionalmente como movimentos que, se exitosos, poderiam mudar não só a história da região, como do país (HOLANDA, 1995; PRADO JÚNIOR, 1984). Os movimentos libertários que ocorreram em Pernambuco impulsionaram o imaginário de seu povo, alimentando a percepção que ele tem uma importância significativa para a nação (BARACUHY, 2010; VILLALTA, 2003). Paralelamente, ainda estimulam a produção de manifestações culturais locais que resistissem a culturas hegemônicas naturais de outros estados e outros países (PRYSTHON, 2004).

A partir do que apresentamos, é possível afirmar que a dinâmica organizacional da sociedade pernambucana constitui identidades. Mais especificamente, graças a percepção e negociação de aspectos particulares da cultura local, tal exercício reforça o processo de formação identitária. Logo, nos debruçamos nas práticas discursivas desses agentes para observar **como a noção identitária cultural é constituída por meio de discursos que evocam a organização social de uma localidade.**

A justificativa do estudo se embasa na relevância de como a identidade local é capaz de revelar práticas e predisposições organizacionais. Apesar de existirem trabalhos que tratam da identidade pernambucana em áreas distintas (ARRAIS, 1998; VILLALTA, 2003) existe uma incipiência acadêmica quanto ao que a formula e quais são seus impactos nas práticas de consumo dos pernambucanos.

Para tal, a pesquisa busca articular como conceitos de Michel Foucault propiciam o entendimento de que organizações sociais produzem identidades políticas. A partir da premissa que a identidade está intrinsecamente relacionada às práticas discursivas, optamos por realizar uma Análise do Discurso Foucaultiana.

## **ORGANIZAÇÃO SOCIAL E IDENTIDADES POLÍTICAS**

O pensamento de Foucault costuma ser associado à primeira fase do pós-estruturalismo em conjunto com o que foi desenvolvido por Derrida, Kristeva, Lyotard, Deleuze, Irigaray e Braudillard, sendo considerado um movimento que busca descentrar as estruturas, a sistematicidade e os objetivos científicos do estruturalismo, ao refletir criticamente a metafísica e ampliar as discussões para uma infinidade de direções (PETERS, 2000). Porém, nos parece válido destacar que o próprio Foucault (2006) – em uma entrevista realizada em 1983 – tinha dificuldade em enxergar sua associação ao rótulo pós-moderno/ pós-estruturalista, rejeitando deste modo tais denominações.

Acreditamos, em conjunto com Costa, Guerra e Leão (2013), que o caminho teórico-metodológico de Foucault também pode contribuir para a área de organizações: é capaz de auxiliar no entendimento dos discursos institucionalizadores, desinstitucionalizadores e reinstitucionalizadores. Tais discursos estabelecem laços entre atores e geram posições discursivas institucionalizadoras; propiciam sentidos e alteram a forma de compreensão das realidades internas e externas às organizações (RAFFNSØE; GUDMAND-HØYER; THANING, 2016). É que as estruturas de conhecimento articuladas no tempo e regidas por regras resultantes da relação específica entre os elementos discursivos e os não discursivos formam uma rede de práticas discursivas exclusivas (CURTIS, 2014; FAIRCLOUGH, 2001; FOUCAULT, 2014).

Como o discurso é fundamental para criação e manutenção de identidades, o espaço discursivo deve ser entendido como o social em si (LACLAU; MOUFFE, 2014; LEÃO; FERREIRA; GOMES, 2017). Os conceitos de discurso de Laclau e Mouffe (2014), inclusive, tem sido balizadores para estudos organizacionais a exemplo dos estudos de Borges e Dellagnelo (2013) que buscaram analisar sob a ótica da Teoria

Política do Discurso (TPD), a resistência ao processo de elaboração do Plano Estadual de Cultura do Estado de Santa Catarina, conforme a condução do Governo do Estado; e de Barcellos e Dellagnelo (2014) que consideram a mesma TPD como uma alternativa para a compreensão de processos de resistência vivenciados por organizações contra-hegemônicas, que podem demonstrar práticas organizacionais alternativas.

Discursos são capazes de formular e expressar de identidades sociais, relações sociais entre indivíduos e sistemas de crenças, culturas e conhecimentos (CURTIS, 2014; FAIRCLOUGH, 2001). Para Foucault (2014), o discurso é um conjunto de enunciados capaz de constituir o social, os sujeitos e as práticas discursivas às quais está relacionado advêm de uma mesma formação discursiva; os saberes nele contido revelam uma episteme; as relações de poder, os dispositivos; a subjetivação do indivíduo, o sujeito-ético (COSTA; GUERRA; LEÃO, 2013; FOUCAULT, 2014). Conceitos foucaultianos já vem sendo tratado em estudos organizacionais desde os anos 1980 (BURRELL, 1988; CLEGG, 1987; COOPER; BURRELL, 1988; SCHUMAN, 1980), principalmente aqueles atrelados as noções de poder disciplinar do filósofo. Suas contribuições foram tão emblemáticas para a área que Üsdiken e Pasadeos (1995) pontuaram como, em pouco mais de uma década, o autor se tornara o sétimo mais citado nos estudos organizacionais.

Nos estudos organizacionais brasileiros, há uma apropriação crescente do pensamento foucaultiano, a exemplo dos estudos de Mendes et al. (2015), que buscam refletir sobre a difusão das tecnologias sociais e explorar a visão de Foucault sobre as biopolíticas e o biopoder; de Souza, Costa e Lopes (2019) que adotam o conceito de dispositivo para analisar as práticas prisionais do sujeito delinquente e as formas de resistência relacionadas a essa constituição; de Miranda, Amaral e Assis (2018), que analisam os dispositivos de controle da sociedade contemporânea e as relações de poder e dominação presentes numa produção cinematográfica; Silva e Almeida (2018), que através da análise discursiva foucaultiana, procuram identificar como funciona a cultura política local da cidade de Campina Grande na Paraíba; e Camargo e Leão (2018), que buscam discutir como o discurso da mídia difunde o adultério em sua repercussão dos serviços de encontros extraconjugais, tendo como base teórica e metodológica a filosofia foucaultiana.

Como para o filósofo francês a vida humana está inserida num quadro institucional (BURRELL, 1988; RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019), o panóptico foucaultiano permitiu às organizações modernas operarem como dispositivos disciplinares (MCKINLAY; TAYLOR, 2014). Contudo, os conceitos foucaultianos são

válidos não só para discussões sobre as relações diretas de poder: a consideração do poder entendido como “não disciplinar” está presente nos diversos sistemas de informações ao longo da cadeia hierárquica organizacional; a discussão e problematização da governança corporativa e a transparência nessas práticas permite desenhar novas possibilidades de gestão (COSTA; GUERRA; LEÃO, 2013; RAFFNSØE; MENNICKEN; MILLER, 2019).

Mennicken e Miller (2012) consideram que a forma de governo foucaultiana territorializa conceitos que permitem administrar a vida das pessoas. Logo, a apropriação dos conceitos foucaultianos transpõe os limites das organizações formais, permitindo uma análise organizacional que trate de princípios e procedimentos de organizar em qualquer espaço, pois qualquer que seja a atividade organizacional, envolve saber, poder e subjetividade (KNIGHTS, 2008). Em seu ciclo ulterior, Foucault (2010a) elucubrou como a formação de epistemes e a operacionalização de poderes via dispositivos permitem o entendimento de como se forma a subjetividade de um indivíduo.

Apesar de não ter tratado diretamente do conceito de identidade política, alguns pensadores pós-estruturalistas o fizeram. Entre as contribuições seminais do segundo ciclo pós-estruturalista, destacamos Judith Butler e sua obra sobre a construção de uma identidade feminina; Stuart Hall e os conceitos de identidade cultural como alteridades do mundo desterritorializado; e Jacques Rancière e suas contribuições para a psicologia política em manifestações democráticas.

Na perspectiva dos estudos culturais, a identidade política pode ser entendida como a posição que um indivíduo ou coletivo assume em arranjos sociais a partir de um conjunto de signos que os representa no sistema cultural (HALL, 1997; 2012; WOODWARD, 2012). As diferentes possibilidades de signos elucidam a existência de tensões e contradições, não necessariamente atreladas aos papéis identitários distintos, que estão ligadas às várias posições assumidas pelo indivíduo em seu contato com a sociedade. É que os indivíduos assumem várias posições no interior de distintas organizações (WOODWARD, 2012), executando variados níveis de escolha e autonomia que se inserem nos seus contextos espaciais, materiais e de recursos simbólicos (HALL, 2014).

Embora um indivíduo continue a ser o mesmo durante sua rotina diária, ele tende a atuar de várias formas nas diferentes situações interacionais que estabelece com outros indivíduos ou organizações. Isso significa que um mesmo indivíduo pode assumir diferentes identidades a depender de seus signos culturais e do contexto social ao qual

está inserido. Sua identidade é constituída via processo relacional demarcado por uma alteridade e mediante a demarcação de diferença; desde que outra exista para demarcar tal distinção (HALL, 2014; WOODWARD, 2012). A noção de identidade é um posicionamento escolhido num sistema cultural que aponta para uma reunião de signos compreendidos como representações culturais (HALL, 2014).

Tal reunião é formulada por interações dialéticas entre indivíduos e a sociedade a qual estão inseridos, sendo, então, resultado de um produto social. Síncrona e simultaneamente, tanto os processos sociais, como a identidade dos indivíduos influenciam-se mutuamente (HALL, 2012; WOODWARD, 2012). As identidades são resultado de identificações dos sujeitos que possibilitam um posicionamento ante aspectos culturais (HALL, 1997). E, apesar de seu caráter subjetivo, uma identidade não deve ser entendida como algo pertencente ao indivíduo, pois ela é resultado da relação entre a cultura e o sujeito (HALL, 2003; SILVA, 2012). Por não ser uma construção individual, a identidade é múltipla e instável, bem como dependente da cultura a qual se insere e da alteridade com qual se relaciona a outras identidades (HALL, 1997). Fenômenos como a globalização e a sociedade de consumo vêm tornando as relações humanas mais fragmentadas (HALL, 2014).

A fragmentação pós-moderna leva os indivíduos a um estado de hibridismo cultural: obrigado a negociar aspectos de várias identidades simultaneamente (CANCLINI, 2006; HALL, 2014). No contexto da globalização, as fronteiras ou barreiras espaço-temporais foram ressignificadas: sua dissolução permitiu a potencialização da criação e manutenção de identidades a partir do contato de culturas distintas (HALL, 2014). No contexto pós-moderno, a pluralização de identidades não apresenta identidade fixa: deriva da diversidade de culturas possibilitadas pelo mundo globalizado. Ao longo da sua existência, identidades mutáveis são descartadas ou incorporadas ao contexto dos indivíduos - histórico, social ou territorial (HALL, 2014; WOODWARD, 2012).

## **ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA**

A pesquisa realizada tem caráter qualitativo, utilizando como método de investigação a Análise de Discurso Foucaultiana (ADF). Esta, tem como objetivo esclarecer como determinados discursos revelam certas regularidades a partir de formações discursivas que, por sua vez, emergem de enunciados, suas funções enunciativas e as regras de formação.

É válido destacar que as contribuições de Michel Foucault foram adotadas como metodologia e não como base teórico-epistemológica, mesmo que ambas estejam sobrepostas na filosofia do autor. Ainda, é de sua fase arqueológica que nossa análise se baseou, tendo como objetivo a produção não de uma teoria, mas o entendimento da episteme de determinados fenômenos a partir dos discursos que os fundamentam, exatamente o objetivo do presente estudo. O Quadro 1 foi adaptado do que De Souza-Leão e Moura (2018) propuseram como sistematização das categorias analíticas da ADF.

**Quadro 1 – Categorias analíticas da ADF**

<b>Enunciados</b>			
São definidos pelas funções de existência de signos, não sendo redutíveis a esses que são sim, os meios de identificação dos enunciados, mas não suas fronteiras. Os enunciados dizem respeito a temas concretos localizáveis em certo tempo e espaço, ao mesmo tempo que, portam certa regularidade que não podem se dissociar.			
<b>Funções enunciativas</b>			
Demonstram as ações expressas nos enunciados e como eles se relacionam, baseados em quatro critérios:			
<b>Referencial</b>	<b>Campo Associado</b>	<b>Sujeito</b>	<b>Materialidade</b>
Indica os objetos e as relações elucidados ou negados nos enunciados.	Espaço de saberes que possibilita e apresenta como as relações entre enunciados são firmadas.	A posição de onde se enuncia o discurso, podendo ser ocupada por qualquer indivíduo apto a produzir enunciados.	Diz respeito aos meios utilizados para produzir os enunciados, sendo passíveis de serem repetidos.
<b>Regras de formação</b>			
São os direcionamentos que os enunciados – e suas delimitações – estabelecem para as formações discursivas, baseados, também, em quatro critérios, análogos aos das funções enunciativas:			
<b>Objeto</b>	<b>Conceito</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Estratégia</b>
Reflexo das particularidades e delimitações observadas nos referenciais dos enunciados.	Advém dos tipos de sucessão, coexistência e intervenção observados nos campos associados dos enunciados.	Diz respeito às formas apropriadas pelos sujeitos dos enunciados quando o proferem, tendo em vista seu estatuto, localização e situação.	Apresenta às concepções estabelecidas por meio da materialidade dos enunciados.
<b>Formações discursivas</b>			
Apresentam como os enunciados convergem em agrupamentos, estabelecidos no tempo e no espaço, sintetizando suas regularidades em um dado momento e sob certas condições epistêmicas.			

Fonte: Baseado na sistematização proposta por De Souza-Leão e Moura (2018) a partir de Foucault (2014).

Numa ADF, o conjunto de dados é denominado como arquivo – equivalendo a um *corpus* de pesquisa. Um **acontecimento**, capaz de romper ou inovar o processo de um fenômeno social, deve ser apontado como ponto de partida até que uma **regularidade discursiva** seja estabelecida para o tal fenômeno social (DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2018; FOUCAULT, 2014).

O arquivo do presente estudo foi composto por 67 matérias coletadas em sites jornalísticos e blogs pessoais – datadas entre maio de 2009 e maio de 2019 – que exercessem um papel informativo e/ou de imprensa. A busca foi feita através do portal



Google notícias a partir dos termos “pernambucanidade”, “megalomania”, “orgulho pernambucano”, “resistência pernambucana” e “identidade pernambucana”. Após abrir as páginas indicadas pelo portal, arquivamos após a leitura, apenas aquelas matérias que tratassem de Pernambuco num âmbito cultural, político e/ou econômico – e não apenas de forma ordinária ou fora de contexto. Tal escolha se justifica pela incipiência de pesquisas acadêmicas – conseguimos coletar 13 trabalhos entre dissertações, artigos publicados em periódicos nacionais e congressos nas áreas de Música, Comunicação e História – quando se trata do assunto que, apesar de ser legítimo no senso comum, raramente é tratado em trabalhos formais. A escolha por tal tipo de dado – documental – expressa um espaço de uma consciência social que é, simultaneamente, limitado por ordens econômicas e políticas. Apresenta a possibilidade de acesso a discursos distintos e heterogêneos sobre o fenômeno investigado (FOUCAULT, 2014; FRANCO; LEÃO, 2018).

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para apresentar os resultados obtidos no estudo, descreveremos as formações discursivas identificadas, bem como seus enunciados, funções enunciativas e regras de formação. Para isso, dividimos esta seção em duas partes: a que apresenta, relaciona e descreve os elementos componentes das formações discursivas; as que contextualizam a partir de exemplos empíricos tais relações e o sentido dos discursos identificados, bem como a forma como a literatura os trata.

### *Elementos das Formações Discursivas*

Foram doze os enunciados que emergiram da primeira etapa da análise, os quais foram denominados por frases, buscando apresentar sua descrição de uma maneira sintética. O Quadro 2 foi elaborada para apresentá-los.

**Quadro 2 – Enunciados**

<b>Cód.</b>	<b>Enunciado</b>	<b>Descrição</b>
E01	Pernambuco é um dos polos culturais mais importantes do país	A produção cultural de Pernambuco é vasta e rica em vários setores (e.g. música, cinema, literatura, arte, futebol e carnaval). Tal fato é percebido e exaltado pelos pernambucanos como uma característica que torna o estado um dos polos mais importantes do país em produção cultural.
E02	O vocabulário pernambucano está cheio de superlativos	O uso de superlativos para descrever particularidades do estado ou sua cultura é natural entre os pernambucanos. Mais que isso, quando enaltecem características locais, o uso de superlativos dito por eles como obrigatório.

E03	Poucos pernambucanos conhecem realmente sua história	Apesar da cultura local ser enaltecida, entre outros motivos, pela história de resistências do estado, poucos pernambucanos parecem conhecer tais movimentos do passado. Quando comentam sobre o que deu origem ao forte apreço à cultura do estado, poucos são os pernambucanos que revelam um conhecimento substancial e real sobre o passado de sua terra natal, indicando ou desconhecimento ou percepções fictícias.
E04	O jeito pernambucano de ser é notório no resto do país	O estado de Pernambuco e seus nativos são conhecidos em todo o país pelo amor exacerbado a sua cultura local. Em tom de admiração ou estigma, visitantes ou estrangeiros destacam como é fácil reconhecer um pernambucano: basta falar mal de sua terra e esperar eles defenderem-na fortemente.
E05	O consumo pernambucano reflete a tradição local	Tradições de consumo no estado (i.e. marcas, produtos e serviços locais já estabelecidos entre os consumidores do estado) são determinantes para as escolhas dos consumidores pernambucanos nos dias atuais. Os consumidores pernambucanos expressam que se sentem mais seguros em manter as escolhas de consumo já lhes são familiares e tradicionais.
E06	Produções locais são mais queridas entre pernambucanos	A natureza de resistir a culturas hegemônicas e não-locais dos pernambucanos incentiva o consumo de marcas, produtos e serviços locais. Mais que isso, marcas nacionais ou estrangeiras não só incorporam particularidades da cultura local para se adequar ao mercado pernambucano como, em alguns casos, lançam variações exclusivas só para Pernambuco, por entenderem o exotismo do estado.
E07	Os pernambucanos são conservadores na hora de consumir	Os pernambucanos não costumam mudar com facilidade suas escolhas de consumo. Mesmo sendo abertos a conhecer novidades, raros são os casos em que eles modificam tais escolhas, tanto que poucos são os serviços e produtos inovadores – que os pernambucanos denominam de “modas” – que sobrevivem no estado.
E08	Ser pernambucano é ser vaidoso	Para ser pernambucano, é preciso uma vaidade advinda do orgulho da história e cultura do estado. A população local é percebida como orgulhosa de particularidades de Pernambuco que, muitas vezes, só têm valor para os próprios nativos do estado.
E09	O amor por Pernambuco é nostálgico	Os pernambucanos demonstram um amor exagerado pelo seu estado mesmo reconhecendo as limitações atuais dele. Existe o consenso que o sentimento é muito mais embasado com uma ideia romantizada do passado do estado e bem menos com a situação atual da localidade.
E10	O ufanismo à cultura local	O ufanismo dos pernambucanos a particularidades do seu estado reforça o gosto pela cultura local. De forma mais detalhada, considera o apego ao que está atrelado – cultural e historicamente – à sua terra natal é uma obrigação <i>innatura</i> dos verdadeiros pernambucanos.
E11	O país dos pernambucanos é Pernambuco	A distância geográfica entre Pernambuco e as regiões Sul e Sudeste – centro econômico do país – leva seus nativos a considerarem a história e cultura destas muito dispare das do seu estado. Especificamente, os resultados recentes da política levaram os pernambucanos a manifestarem que não só não reconhecem as outras regiões do Brasil – com exceção da Região Norte – como sua percepção de identidade nacional diverge da do resto do Brasil: a sua é, na verdade, pernambucana.
E12	Pernambuco é a capital da Região Nordeste	O papel de Pernambuco na história do Brasil leva seus nativos a considerarem que o estado é a localidade mais importante da Região Nordeste Brasileira. Os pernambucanos consideram que suas produções particularidades que são representativas para outros estados da região. Ainda, sua localização geográfica central e contexto histórico tornam Pernambuco não só mais importante que os outros próximos, como até maior que a própria Região Nordeste como um todo.

Fonte: elaborado pelos autores.

De forma sinonímica, apresentamos, no Quadro 3, as sete funções enunciativas identificadas. Estas foram definidas a partir de orações iniciadas por verbos no infinitivo, com o objetivo de elucidar a “ação” dos enunciados aos quais elas estão relacionadas.

**Quadro 3 – Funções enunciativas**

Cód	Nome	Definição
F1	Demonstrar a independência cultural de Pernambuco	Reflete como os pernambucanos exaltam que sua produção cultural é independente e equivalente a das regiões geográficas do país, capacitando-o como um estado independente do resto da nação.
F2	Apresentar as características emblemáticas do pernambucano	Indica as singularidades atreladas ao povo de Pernambuco que são reconhecidas e enumeradas tanto pelos locais como os não-locais.
F3	Evidenciar a resistência hereditária dos pernambucanos	Destaca como desejos e práticas contemporâneas de Pernambuco são entendidos como um resultado da história de resistências do estado.
F4	Destacar o exotismo mercadológico de Pernambuco	Cumpre a função de apresentar o funcionamento exótico do sistema mercadológico em Pernambuco, desde a produção, distribuição e até consumo de bens, serviços e marcas na localidade.
F5	Indicar sentimentos restritos do povo pernambucano	Apresenta as evidências de sentimentos exclusivos ao povo de Pernambuco em relação a particularidades e a cultura local de seu Estado.
F6	Destacar o papel da história de Pernambuco no imaginário coletivo	Revela como o imaginário coletivo sobre a cultura dos pernambucanos incorpora a percepção que eles são tão insurgentes a poderes hegemônicos quanto seus antepassados.

Fonte: elaborado pelos autores.

As funções enunciativas são definidas e baseadas em quatro critérios: referencial, domínio associado, sujeito e existência material – conforme visto na Tabela 1. A relação entre as sete funções enunciativas encontradas, bem como as definições de seus critérios estão explicitadas no Quadro 4.

**Quadro 4 – Relação entre funções enunciativas e seus critérios**

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	Nome	Definição
<b>Referencial</b>								
Rf1	X						Cultural	Trata do valor que a cultura de Pernambuco tem para seu povo.
Rf2		X	X				Identitário	Se refere a noção identitária expressada pelos pernambucanos.
Rf3				X			Mercadológico	Compreende as particularidades de Pernambuco que impactam em seu sistema mercadológico.
Rf4					X		Sentimental	Aponta como os pernambucanos demonstram sentimentos por aspectos de sua terra natal.
Rf5						X	Histórico	Demonstra a influência do contexto histórico pernambucano nos dias atuais.
<b>Campo Associado</b>								
Ca1	X	X					Alteridade Pernambucana	Diz respeito as relações de contraste que definem o ser pernambucano.

Ca2			X				Percepção Estrangeira	Evidencia o entendimento que estrangeiros têm de Pernambuco e seu povo.
Ca3				X	X	X	Tradição Pernambucana	Refere-se a práticas típicas dos pernambucanos.
Sujeito								
Sj1	X	X					Pernambucano	Ponto de vista de quem vive Pernambuco.
Sj2			X	X			Forasteiro	Ponto de vista daqueles que conhecem Pernambuco superficial ou parcialmente.
Sj3					X	X	Imprensa	Posição da imprensa sobre o povo e o estado de Pernambuco.
Materialidade								
Mt1	X	X	X	X			Caracterização	Aponta para as diferentes formas que os pernambucanos se veem e são vistos.
Mt2					X	X	Memória	Diz respeito a como a noção da história do estado afeta seu povo.

Fonte: elaborado pelos autores.

Elaboramos o Quadro 5 para, tal qual a anterior, apresentar as definições dos critérios das regras de formação, bem como sua relação com estas.

### Quadro 5 – Regras de formação e seus critérios

	R1	R2	R3	Nome	Definição
Objeto					
Ob1	X	X		Produção cultural	Diz respeito a produtos culturais de Pernambuco (e.g. literatura, cinema, culinária, festas populares) que são exaltados como extraordinários pelos pernambucanos.
Ob2		X		Particularidades locais	Reflete a particularidades da localidade e dos pernambucanos que são atreladas a noção cultural, identitária, histórica, sentimental e mercadológica de Pernambuco.
Ob3			X	Contexto sócio histórico	Refere-se ao impacto que a história e a cultura de Pernambuco têm em seu povo nos dias atuais.
Conceito					
Cn1	X		X	Valores pernambucanos	Aponta como aspectos culturais de Pernambuco são valorados pelo seu povo como contrastes particulares do estado.
Cn2		X		Soberba pernambucana	Revela a altivez que os pernambucanos costumam expressar em suas tradições para os estrangeiros.
Modalidade					
Md1	X	X		Ufanismo	Exprime o orgulho desmedido que os pernambucanos nutrem por características de Pernambuco.
Md2		X	X	Exotismo	Expressa a maneira como as características dos pernambucanos são consideradas exóticas.
Estratégia					
Es1	X	X		Exagerado	Indica como a cultura de Pernambuco é sentida e lembrada pelos pernambucanos de modo a superar o nível normal da relação entre um povo e sua terra.
Es2			X	Exacerbado	Revela como a relação entre os pernambucanos e seus valores excede uma relação sociocultural saudável.

Fonte: elaborado pelos autores.

Por fim, o Quadro 6 traz as definições e denominações – as quais foram norteadas por substantivos ou locuções substantivas, por tratarem de aspectos que sustentam as vindouras formações discursivas – das quatro regras de formação identificadas em nossa análise.

**Quadro 6 – Regras de formação**

Cód	Nome	Definição
R1	Orgulho Pernambucano	Diz respeito ao ufanismo presente no orgulho expressado pelos pernambucanos à sua terra e cultura natal.
R2	Apregoação de Pernambuco	Posiciona como, por meio de uma divulgação exagerada, os pernambucanos costumam a se referir e ser vistos como propagadores da cultura e de particularidades de seu estado.
R3	Vanguarda à Pernambuco	Diz respeito a como os pernambucanos são vistos como um povo que acredita estar inovando via resistência às culturas hegemônicas por, prioritariamente, valorar o que já é tradição no estado.

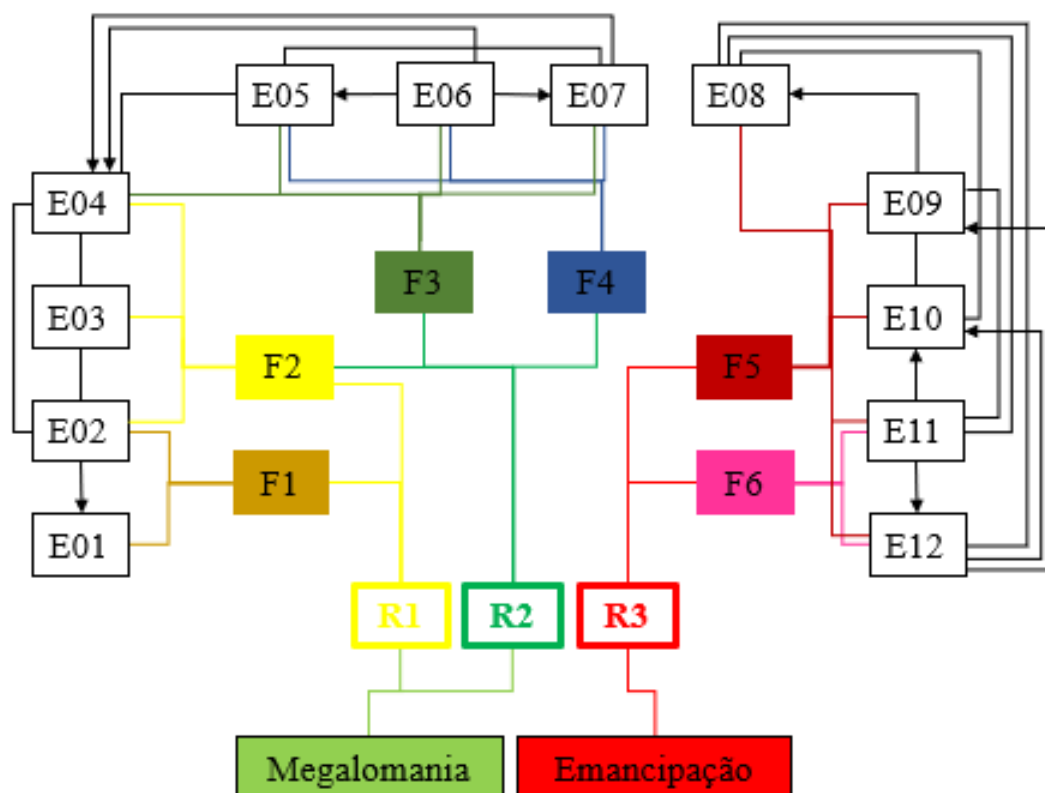
Fonte: elaborado pelos autores.

### *As formações discursivas*

É a partir da inferência e relação entre seus elementos componentes que as formações discursivas emergem. Utilizamos um modelo de feixes para melhor ilustrar tais relações e a convergência entre as categorias analíticas. Especificamente, a primeira categoria apresenta a particularidade de relação entre seus códigos. Os enunciados podem ter dois tipos de relações entre si: as **síncronas**, onde eles se explicam mutuamente; as **incidentes**, capazes de explicar a existência de outros enunciados.

Na Figura 1, apresentamos todas as categorias analíticas, bem como as relações entre seus códigos e como os enunciados convergem até as formações discursivas.

**Figura 1 – Mapa de relações das formações discursivas**



Fonte: elaboração dos autores.

A convergência dos feixes e relações entre as categorias analíticas elucidaram duas formações discursivas presentes no Arquivo de pesquisa. Os discursos contidos nos textos analisados revelam, respectivamente: a **megalomania** existente na noção identitária, cultural e mercadológica que os pernambucanos revelam em expressões sobre seu estado e como estas têm impacto na percepção dos estrangeiros sobre a localidade; a **emancipação** de Pernambuco ante o resto do país apontada pela imprensa a partir de noções sentimentais e históricas que refletem práticas do passado ainda tão presentes no contexto atual.

### *Megalomania*

Megalomania foi o termo escolhido para a formação discursiva que reflete como o orgulho pernambucano se baseia numa percepção exaltada e, muitas vezes, irreal da relevância de características de Pernambuco quando comparadas com as de outros estados do Brasil. A formação é fundamentada por duas regras que apontam o sentimento como os pernambucanos se veem e como são vistos divulgando a cultura do estado.

A primeira regra da Megalomania revela quão orgulhosos são os pernambucanos tanto por sua terra, quanto por características próprias de seus conterrâneos (R1). Formulada a partir de duas funções: demonstra o sentimento de independência cultural nutrida entre o povo de Pernambuco (F1) e como singularidades pernambucanas são exaltadas por eles e apontadas pelos estrangeiros (F2). É que os pernambucanos enaltecem sua capacidade de produção cultural (E01) via superlativos, num bairrismo quase que obrigatório (E02), mesmo que não conheçam exatamente a origem dessa ideia (E03) de resistir ao estrangeiro para proteger o que é local. Isso os torna um povo fácil de ser identificado (E04), mesmo entre não-locais.

Já a segunda regra, evoca a noção que os pernambucanos costumam exagerar na hora de divulgar sua cultura (R2). Amparada por três funções, reflete como os pernambucanos se reconhecem e são reconhecidos por divulgarem suas particularidades (F2), o papel da história do estado nos desejos e práticas de seus cidadãos contemporâneos (F3) e como isso faz seu sistema mercadológico funcionar de forma exótica (F4). Por ter um jeito ímpar de se comportar (E04), os pernambucanos são apontados tanto pelo uso de termos que enaltecem aspectos locais irrelevantes fora do estado (E02), como crenças em fatos históricos inexistentes (E03). Mais que isso, são notórios por seguirem as escolhas das gerações anteriores na hora de consumir (E05), preferir produções não-locais em detrimento das que têm algum apego à localidade (E06) e inovações que são lançadas na região (E07).

Por se tratar de um sentimento amplamente difundido e enraizado na cultura do estado, o sentimento de megalomania é visto como uma extensão do bairrismo dos pernambucanos. Tanto é que o termo já é incorporado pelos cidadãos do estado como algo *innatura* a eles. Do nosso Arquivo, destacamos a reportagem do blog da Veja São Paulo, publicada em 26 de fevereiro de 2017, intitulada “15 coisas para entender Recife e os recifenses” que apresenta uma síntese de algumas características particulares dos pernambucanos – generalizados nos cidadãos de sua capital – que apontam bem o primeiro discurso identificado em nossa análise. Destacamos um trecho para auxiliar no seu entendimento:

#### 1. Megalomaníaco, eu?

Para começar a conversa, que fique claro: recifenses, em geral, são megalomaníacos. Talvez isso tenha raízes no movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre, vai saber! Mas quem vive no Recife adora dizer, entre outras coisas, que a cidade tem o maior bloco de carnaval do mundo (isso é verdade, o Galo da Madrugada) e a maior avenida em linha reta – a Avenida Caxangá. O fato é que essa avenida nunca foi a mais longa e, para ironizar a megalomania quase coletiva,

existe até um filme chamado “O Melhor Documentário do Mundo”. (VEJA SÃO PAULO, 2017).

No exemplo, podemos verificar que o próprio uso do termo “megalomania” é natural e não jocoso entre os pernambucanos. Eles próprios se auto intitulam como tais, sabendo que é assim que são vistos pelos estrangeiros com quem tem contato. Essa percepção advém do que Foucault (2014) considera como um discurso socialmente forjado. Para o filósofo, a verdade – enquanto visão subjetiva que negocia o senso comum que prevalece numa cultura num dado momento – é resultante das relações de poder com que os sujeitos tem contato. Cada prática social será potencializada por diferentes versões de um acontecimento que se estabelece a partir das relações de poder mediadas no âmbito social em estão inseridos. As verdades, apesar de consequências das relações de poder são, mutuamente, determinantes para a propagação destas. É que o poder não é algo que pode ser possuído, mas sim exercido.

No exercício de poder, os saberes que são produzidos explicitam as relações de poder que o forjam. Como os Discursos sempre ressoam um acontecimento, irão oferecer diferentes versões que permitiram produções de verdades. O Discurso dominante não será fixo, podendo estar constantemente sujeito a uma resistência. Pois, como Foucault (2010b) aponta: o poder intrínseco de um discurso só é manifestado devido à resistência de outro.

Quando os pernambucanos propagam um discurso megalomaníaco, resistem a identidades que consideram como estrangeiras. Isso se dá, conforme Hall (2014) aponta: porque uma identidade é formulada não só pela afirmação de signos existente num indivíduo, como também pelos significados que nele são observados. Complementarmente, Woodward (2009) considera que a identidade é relacional, emergindo exatamente da negação de outras identidades. Quando os pernambucanos identificam em si a megalomania, revelam a alteridade que os diferencia dos estrangeiros.

### *Emancipação*

Atribuímos o nome emancipação a outra formação discursiva de nossa análise e que registra o sentimento pernambucano quando compara sua terra ao estrangeiro. O sentido deste discurso é lastreado por apenas uma regra: como o pernambucano acreditar exercer um vanguardismo ao ir de encontro à globalização de culturas hegemônicas (R4).

Existem sentimentos que só podem ser nutridos por um pernambucano de verdade (F5) e isso advém, em muito, de como a percepção da história local afeta o imaginário coletivo de seu povo (F6). Em primeiro lugar, os pernambucanos reproduzem a percepção



de que são vaidosos (E08) em relação a aspectos que, muitas vezes, só têm valor para eles próprios (E10). Isso está atrelado muito mais a memória romantizada de seu passado do que a situação presente (E09). Tanto o estado é maior que suas fronteiras físicas e representa, cultural e historicamente, toda sua região (E12), como se distingue em muito da cultura que normalmente é atribuída ao Brasil, considerando-se independente da nação (E11).

Como o estado é notório por uma história de resistência à cultura hegemônica, os pernambucanos entendem que são autossuficientes. De nosso Arquivo, trazemos a notícia publicada pela Equipe Gazeta do Povo no blog esportivo do jornal, publicada em 04 de Julho de 2013, que exemplifica bem essa relação:

“Há cinco estados brasileiros em que a torcida pelos times locais é maior do que por forasteiros. Quatro são óbvios: Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, maiores potências futebolísticas e, especialmente no caso gaúcho, com uma história forte de bairrismo. O quinto é uma surpresa, Pernambuco, um foco de resistência em uma região tradicionalmente influenciada pelo futebol carioca”. (BOLA NO CORPO, 2013).

O trecho demonstra empiricamente que os pernambucanos preferem o que é seu, mesmo em situações adversas – na temporada de 2013, os três maiores clubes locais estavam disputando as Séries A, B e C, sendo o Náutico, o único representante estadual na elite do futebol nacional, rebaixado ao fim daquele ano. Os pernambucanos entendem que são únicos na sua forma paradoxal de acreditar que estão sendo vanguardistas ao resistir às culturas hegemônicas. A constituição dessa percepção é amparada por contradições que busca desconstruir formas dominantes de saberes em padrões de um Discurso que lhes foge ao controle. Este conceito é tratado por Foucault (2010b) como a negociação de significados que surgem quando a humanidade tem de contar histórias sobre si.

Foucault (2014) aponta que a noção histórica que produz saberes numa função de linguagem no âmbito social. Essa função se relaciona ao exercício de poderes, já que as pessoas constituem suas ideias dentro de padrões que não podem controlar (PARKER, 1997). Quando os pernambucanos reconhecem a existência de um imaginário coletivo que limita suas práticas sociais, se posicionam ante o processo de globalização.

Hall (2014) entende que o processo de globalização permitiu dissolver fronteiras e barreiras espaço-temporais, mas não as culturais: estas são potencializadas pelo surgimento e manutenção de identidades a partir do contato de culturas distintas – via aceitação ou rejeição. Seja a partir de um hibridismo cultural (CANCLINI, 2003), seja via um posicionamento de negação a culturas que não lhe são representativas (WOODWARD, 2012), um indivíduo formula sua identidade a partir de negociações

entre diferentes aspectos de uma ou mais cultura. Ainda, é a identificação com a localidade que demonstra como as identidades são um posicionamento ante aspectos culturais. A identidade cultural não pertence aos indivíduos, mas pode por eles ser exercida (HALL, 1997; 2003).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dois discursos identificados revelam manifestações identitárias presentes em falas da mídia e *websites* escritos por cidadãos que se relacionam com Pernambuco – sejam eles nativos, moradores ou só visitantes; apontam para características culturais particulares da localidade. Os pernambucanos, embasados em práticas comuns e na sua produção local, acreditam que são maiores do que realmente parecem ser. Paralelamente, resistem a cultura estrangeira a partir da noção histórica que devem fazê-lo para que a singularidade da cultura local tão amada continue a existir. Revelam, assim, identidades que funcionam como organizações embasadas na crença que os pernambucanos são orgulhosos apregoadores de sua terra e se consideram vanguardistas ao se insurgir à cultura hegemônica e estrangeira.

Observamos, então, identidades que se estabelecem a partir da ótica de si mesmo e que se baseiam a partir de uma alteridade ante outras. A subjetividade é determinante para a questão identitária, tanto que é capaz de gerar processos de subjetivação de si mesmo em processos de objetivação designados por outros (GALVÃO, 2014). Em nosso trabalho, as identidades que observamos devem ser percebidas como processos de subjetivação, quando a identidade pernambucana tenta se legitimar a partir da relação que existe entre si e ante a culturas estrangeiras: seja via uso de superlativos para se autodescrever, seja no sentimento nutrido para com a localidade, ou ainda na importância que a história têm no imaginário coletivo de sua população.

Megalomania foi o termo que escolhemos para representar o sentimento de importância demasiada presente na cultura pernambucana. Tal característica já é corriqueira e coloquial entre os pernambucanos, tanto que eles a usam atrelada a um bom humor, mesmo que seja para descrever características particulares da região que são não-positivas. Os pernambucanos se sentem responsáveis pela manutenção da cultura local, logo escolhem não só o que é local, como também o que já está estabelecido na região, revelando, assim, um ato conservador e pouco racional.

A história do estado tem um impacto direto na construção de tal percepção, pois seus cidadãos partilham da crença que Pernambuco é maior que outros estados que lhe

cercam e, quiçá, que a nação à qual faz parte. Os pernambucanos exercem uma resistência que, paradoxalmente, consideram como vanguardista, mas que é historicamente conhecida ante a culturas heterogêneas e globais. Denominamos, então, de emancipação a noção identitária exercida a partir da forma como o verdadeiro cidadão pernambucano precisa compreender particularidades percebíveis apenas a quem já vivenciou a rotina local, concomitantemente a obrigação de divulgá-las como verdadeiros embaixadores da cultura local.

Tanto o sentimento de megalomania como o de emancipação parecem se complementar. O apego à cultura local os leva a priorizar o que é produzido localmente, num certo grau de xenofobia; a expressar uma valorização desproporcional do que é local ante o global. Vargas (2007) discute como o movimento do manguebeat trouxe à luz a discussão das divergentes formas culturais de Pernambuco. Se por um lado, existiam adeptos ao movimento armorial liderado por Ariano Suassuna da década de 1970 que exaltavam um bairrismo exacerbado através de tradições que culminaram na percepção megalomaniaca; por outro, o movimento proposto por Chico Science e seus contemporâneos da música na década de 1990 propôs a retomada da noção vanguardista entre os pernambucanos que desejavam integrar a cultura local com a global.

A partir de nossos resultados, entendemos que a identidade cultural pernambucana, apesar de dar nuances da influência do movimento criado no fim do século XX, ainda se parece muito mais com as ideias de Suassuna. Isso é apontado não só pela presente pesquisa, como pelo estudo recentemente divulgado que aponta que as marcas favoritas de consumo deles são, majoritariamente, locais (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018).

Como vivenciamos um mundo globalizado, tais identidades dificultam o interesse e investimentos de organizações que desejam expandir sua atuação em Pernambuco. Ainda assim, como os novos meios de propagação cultural impulsionam a transmissão de bens culturais e estilos de vida dos produtores da cultura a um público mais amplo são capazes de democratizá-las (FEATHERSTONE, 1995). Logo, os discursos presentes na identidade cultural pernambucana são propagados às novas gerações que incorporam uma resistência às culturas globais que buscam se estabelecer na região. Esse resultado corrobora a indicação de que a condição pós-moderna e multicultural resulta, também, em identidades locais que se insurgem às globais (MEER, 2010).

Nossa pesquisa articula a noção de identidade enquanto organização se articula como as identidades culturais propostas por Stuart Hall. Estabelece, academicamente, noções para a identidade pernambucana que tinham sido tratadas, até então, superficial

ou incipientemente: termos como “megalomania”, “bairrismo”, “resistência” e “independência pernambucana”, “emancipação pernambucana” que são, coloquialmente, atribuídos ao estado de Pernambuco, passam a ter uma fundamentação acadêmica

Apesar de conceitualmente já reconhecida nas ciências sociais, o uso da ADF em organizações é incipiente: a metodologia ainda não se estabeleceu como legítima para a área de estudos, mesmo que os conceitos de Michel Foucault já sejam tratados na área desde a década de 1980. Especificamente, apresentamos para área a forma sistematizada por De Souza-Leão e Moura (2018) de uma metodologia que possibilita observar perspectivas não convencionais às pesquisas tradicionais para a interpretação de textos sociais. A partir da noção que a linguagem, desempenha um papel fundamental na construção da realidade social que, nada mais é que uma grande organização.

Apresentamos que limitamos a pesquisa ao uso de dados secundários – coletados, exclusivamente, de forma virtual. Esclarecemos que, por se tratar de documentos ricos que revelam diferentes vozes sociais, tais dados atenderam ao problema de pesquisa, mas que, para futuros estudos, seria válido uma abordagem direta que poderia utilizar com técnica de coleta de dados primários – em diferentes cenários e públicos alvo, abordando situações corriqueiras que elucidem as relações entre organizações. De forma paralela, encontramos indícios, durante a coleta e análise de dados, que há situações semelhantes em outros grandes estados do Brasil (e.g. BA, MG, RJ, RS e SP) e que podem ser objeto de futuras pesquisas em tom similar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos gestores do Grupo Ultra em Pernambuco pelo apoio financeiro a pesquisas que buscam investigar o comportamento das organizações pernambucanas e que gerou a inquietação inicial para a formulação deste trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARAÚJO, R. C. B. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n. 29, p. 203-216, 1997.
- ARRAIS, R. **Recife, culturas e confrontos**. Natal: EDUFRN, 1998.

- ARRUDA, A.; GONÇALVES, L. P. V.; MULULO, S. C. C. Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: representações sociais e estereótipos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 503-511, 2008.
- BARACUHY, M. R. Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina. **Veredas Online**, 2010.
- BARCELLOS, R. M. R. ; DELLAGNELO, E. H. L. A Teoria Política do Discurso como abordagem para o estudo das organizações de resistência: reflexões sobre o caso do Circuito Fora do Eixo. **Organizações & Sociedade (Online)**, v. 21, p. 405-424, 2014.
- BOLA NO CORPO. Pernambuco resiste a dérbi importado: “Vamos desmoralizar esse clássico carioca”. [**Gazeta do Povo**] 04 de Julho de 2013. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/bola-no-corpo/pernambuco-resiste-a-derbi-importado-vamos-desmoralizar-esse-classico-carioca/> Acesso em: 07 de Junho de 2019.
- BORGES, F. A.; DELLAGNELO, E. H. L. . A resistência ao processo de elaboração do Plano Estadual de Cultura de Santa Catarina, à luz da Teoria Política do Discurso. In: Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 2013, Fortaleza. **Anais do I Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, 2013. p. 1830-1838.
- BURRELL, G. Modernism, post modernism and organizational analysis 2: The contribution of Michel Foucault. **Organization Studies**, v. 9, p. 221–235, 1988.
- CALAZANS, R. Ambivalências: O Nordeste nas obras de Gilberto Freyre e Celso Furtado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 75-80, 2007.
- CALDWELL, R. Agency and change: Re-evaluating Foucault’s legacy. **Organization**, v. 14, p. 769–791, 2007.
- CAMARGO, T. I.; LEÃO, A. L. M. S. E aí, Curtiu? – Difusão do Adultério Mercantilizado pela Mídia. **Revista de Administração IMED**, v. 8, n. 1, p. 26-50, 2018.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Mexico: Editorial Grijalbo, 1995.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CLEGG, S. R. Discussion note: The language of power and the power of language. **Organization Studies**, v. 8, p. 61–70, 1987.
- COOPER, R.; BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organizational analysis: An introduction. **Organization Studies**, v. 9, 91–112, 1988.

- COSTA, F. Z. da N.; GUERRA, J. R. F.; LEÃO, A. L. M. S. O Solo Epistemológico de Michel Foucault: Possibilidades de Pesquisa no Campo da Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 168-179, abr. 2013.
- CURTIS, R. Foucault beyond Fairclough: From transcendental to immanent critique in organization studies. **Organization Studies**, 35, 1753–1772, 2014.
- DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.
- DE SOUZA-LEÃO, A. L. M.; MOURA, B. M. Temos que Pegar Todos! - Discursos Identitários sobre o Consumo de Pokémo GO no Brasil. **Brazilian Journal of Marketing - BJM**, v. 17, n. 6, p. 895-913, 2018.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. Diário premia as marcas preferidas dos pernambucanos. [Diário de Pernambuco] 01 de Agosto de 2018. Disponível em [https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2018/08/01/internas\\_economia,758889/as-marcas-preferidas-dos-pernambucanos.shtml](https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2018/08/01/internas_economia,758889/as-marcas-preferidas-dos-pernambucanos.shtml) Acesso em: 07 de Junho de 2019.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FOUCAULT, M. **Estratégia Poder-saber** - Ditos e Escritos, vol. IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)**. São Paulo: Martins Fontes: 2010a.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. (3a. ed.) Rio de Janeiro: Editora Graal, 2010b.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. (8a. ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FRANCO, S. M.; LEÃO, A. L. M. S. Lógica de Mercado Como Medida de Eficiência da Organização do Carnaval de Olinda. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, n. 5, p. 661-682, 2018.
- FURTADO, C. **A operação Nordeste**. Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.

- GALVÃO, B. A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**, v.7, n. 1, p. 157-168, 2014.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2. P. 15-46, 1997.
- HALL, S. Codificação/Decodificação. In: HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** (12a ed.). Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KAUFMAN, T. N. **Passos perdidos, história recuperada: a presença judaica em Pernambuco**. Recife, Bargaço, 2001.
- KNIGHTS, D. “Michel Foucault”. In: LINSTEAD, S. **Organization theory and postmodern thought**. London: Sage, 2004.
- LACLAU, E.; MOUFFE, E. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. 3 ed. London/New York: Verso, 2014.
- LEÃO, A. L. M. S.; FERREIRA, B. R. T.; GOMES, V. P. M. Grenalização na Copa do Mundo: política identitária na escolha da arena porto-alegrense. **RGO - Revista Gestão Organizacional**, v. 10, n. 2, p. 22-48, 2017.
- MCKINLAY, A.; TAYLOR, P. **Foucault, governmentality, and organization: Inside the factory of the future**. New York; London: Routledge, 2014.
- MEDEIROS, M. Dinâmica subnacional e lógica centroperifeira: os impactos do Mercosul na economia política dos estados de Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 49, n. 1, p. 43-67, 2006.
- MEER, N. **Citizenship, identity and the politics of multiculturalism: the rise of Muslim consciousness**. London: Palgrave Macmillan, 2010.
- MENDES, L. et al. Tecnologias Sociais, Biopolíticas e Biopoder: Reflexões Críticas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 4, p. 687-700, dez. 2015.
- MENNICKEN, A.; MILLER, P. Accounting, territorialization and power. **Foucault Studies**, v. 13, p. 4-24, 2012.
- MIRANDA, U. L.; AMARAL, J. C.; ASSIS, L. B. Nós, Daniel Blake: Uma Análise dos Dispositivos de Controle, Dominação e Resistência. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 14, p. 1265-1313, 2018.

- NEWTON, T. Theorizing subjectivity in organizations: The failure of Foucauldian studies? **Organization Studies**, 19, 415–447, 1998.
- PARKER I. Discursive Psychology. In: FOX, D.; PRILLELTENSKY, I. (Eds), **Critical Psychology: An Introduction**. London: Sage Publications, 1997.
- PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. São Paulo: Autêntica, 2000.
- PINHO, O. S. de A. A Bahia no Fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 36, 1998
- PRADO JÚNIOR, C. Formação do Brasil contemporâneo: colônia (Grandes nomes do pensamento brasileiro). São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.
- PRYSTHON, A. Diferença, pop e transformações cosmopolitas no Recife a partir do Movimento Mangue. **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**, v. 6, n. 1, p. 33-46, 2004.
- RAFFNSØE, S.; GUDMAND-HØYER, M.; THANING, M. S. Foucault's dispositive: The perspicacity of dispositive analytics in organizational research. **Organization**, v. 23, p. 272–298, 2016.
- RAFFNSØE, S.; MENNICKEN, A.; MILLER, P. The Foucault Effect in Organization Studies. **Organization Studies**, v. 40, n. 2, p. 155–182, 2019.
- SCHUMAN, K. F. Book review: Michel Foucault: Discipline and punish. The birth of the prison 1977. **Organization Studies**, v. 1, p. 200–201, 1980.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SILVA, E. E. D.; ALMEIDA, A. L. F. Lugares de Memória e a Nomeação do Patrimônio Público com Nomes de Pessoas em Campina Grande – PB/Brasil. **Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 8, n. 2, p. 46-55, 2018.
- SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; LOPES, B. C. Ressocialização, Trabalho e Resistência: Mulheres Encarceradas e a Produção do Sujeito Delinquente. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. 2, p. 362-374, 2019.
- ÜSDIKEN, B.; PASADEOS, Y. Organizational analysis in North America and Europe: A comparison of co-citation networks. **Organization Studies**, v. 16, p. 503–526, 1995.
- VARGAS, H. **Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- VEJA SÃO PAULO. 15 coisas para entender o Recife e os recifenses. [Veja] 26 de Fevereiro de 2017. Disponível em <https://vejasp.abril.com.br/blog/quentinhas/15-coisas-para-entender-o-recife-e-os-recifenses/> Acesso em: 07 de Junho de 2019.



VILLALTA, L. C. Pernambuco, 1817, 'Encruzilhada de Desencontros' do Império Luso-brasileiro. Notas sobre as Ideias de Pátria, País e Nação, **Revista USP**, v. 58, p. 58-91, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.